

RENOVANDO OS SENTIDOS: PERCEPÇÃO E ESCRITA ETNOGRÁFICA NA ETNOMUSICOLOGIA

Jean Joubert Freitas Mendes
jean_joubertmendes@yahoo.com.br
Universidade Federal da Bahia-UFBA

Resumo

A partir de uma pesquisa bibliográfica e reflexão sobre aspectos concernentes à etnomusicologia, este trabalho busca discutir o processo de percepção e grafia dos fenômenos observados e tratados por essa área de conhecimento. Acreditamos que a busca de uma melhor percepção e interpretação na etnomusicologia esbarra em fatores como os procedimentos mentais de apreensão da informação que requerem um constante renovar dos nossos sentidos influenciando o reconhecimento da “realidade” daquilo que nossa percepção nos apresenta. Entendemos que a observação, percepção, compreensão e grafia na pesquisa etnomusicológica trafegam por caminhos de múltiplas padronizações da informação e interpretações da realidade, onde uma melhor abordagem na interpretação pode oferecer resultados significativos na elaboração do conhecimento. É nosso consenso que uma abordagem que considere o sujeito pesquisado como interlocutor do trabalho é significativa porque propicia uma maior abrangência dos conhecimentos da cultura pesquisada.

Palavras-chave: Etnomusicologia; Percepção; escrita etnográfica.

Abstract

Starting from a bibliographical research and reflection on aspects concerning ethnomusicology, this work intends to discuss the perception process and ethnography of the phenomena observed and talked about in that area. We believe that the getting a better perception and interpretation in the ethnomusicology bumps into factors like the mental procedures of apprehension of the information that request a constant renewing of our senses influencing the recognition of the "reality" of what our perception presents us. We understand that the observation, perception, understanding and orthography in the ethnomusicological research move towards multiple standardizations of the information and interpretations of the reality, where a better approach in the interpretation can offer significant results in the elaboration of the knowledge. It is our consensus that an approach that considers the researched subject as speaker of the work is significant because it propitiates

a larger inclusion of the knowledge of the researched culture.

Key-Word: *Ethnomusicology; Perception; writing ethnography*

Introdução

Cada vez mais o campo da etnomusicologia precisa compreender seus procedimentos na pesquisa e identificar suas limitações como pressuposto para a constituição de novas alternativas. Neste sentido, este estudo busca discutir o processo de percepção e grafia dos fenômenos observados e tratados pela etnomusicologia. A observação de fenômenos musicais compreende o entendimento de um enumerado de eventos como a própria música e seus elementos, além de aspectos sociais, dança, rituais, e muitas vezes a economia, biologia, ecologia e física, sem citar inúmeros outros. Elementos que deverão auxiliar o pesquisador na visão e interpretação da realidade estudada. Em meio a essa diversidade são correntes nos estudos etnomusicológicos as limitações no que concerne à observação, percepção e grafia dos fenômenos musicais pesquisados.

Em campo, o pesquisador observa o fenômeno e busca capturar o que “vê”. Há várias implicações nesta visão. Uma delas é apontada por Pedro Demo descrevendo sobre a chamada realidade pura. Demo (2001a) assegura que a realidade pura existe independente de nós, mas não podemos visualizá-la, pois a realidade que vemos é construída a partir da combinação dos elementos que conseguimos capturar em nossa observação, com os elementos preexistentes em nosso acervo de conhecimentos, fruto de nossas experiências. Assim, a realidade que temos em mente é uma construção feita por nós mesmos (Demo, 2001a). Demo informa ainda sobre o processo seletivo utilizado por nossa mente onde ela apreende somente os elementos capazes, de alguma forma, de serem organizados e compreendidos pelo cérebro. Essa seleção por sua vez, esbarra na característica biológica do nosso corpo, onde temos sentidos como a visão e audição com percepção limitada e condicionados ao processamento mental que utiliza o sistema de padronização para tornar reconhecível os elementos capturados. Desta forma, “biologicamente nossa mente age como instância padronizadora, capturando recorrências nas dinâmicas, ou seja, interferindo na realidade de maneira clara” (Demo, 2001a: 26). Com efeito, é possível acreditar que “nunca analisamos a realidade como ela é mas como conseguimos padronizá-la” (Demo, 2001a: 26) e que o que vemos só será apreendido se fizer sentido para o cérebro que utiliza da

seleção para absorver, em meio a diversidade de informações, o que é organizável e passível de conexão com os conhecimentos já existentes.

Entra em questão nesse momento a memória, elemento essencial para o entendimento do processamento mental dos dados que colhemos. Se para um determinado dado observado fazer sentido ele precisa se conectar com nosso acervo de conhecimentos, podemos compreender que esse acervo só é possível porque temos uma memória que acumula as nossas experiências, pois a memória, num conceito genérico, é a capacidade de registrar e evocar informações (Damasceno, 1994). A memória assim, é de suma importância no processo de aprendizagem onde a apreensão e reutilização da informação se configura como fator preponderante no desenvolvimento do ser humano. Ralph W. Gerard's (2003) diz que “sem memória, nós não teríamos passado e nem inteligência ou habilidade para aprendermos com a experiência¹”. Gerard's, coloca que a melhor definição de memória “talvez seja, ‘a modificação do comportamento pela experiência’” (Gerard's, 2003)², que em nossa reflexão pode significar a renovação do conhecimento, que por extensão, proporciona a renovação dos sentidos a cada percepção. Pois a cada experiência, ampliamos nosso acervo de informações e estamos mais hábeis para perceber.

O problema maior no que concerne à memória é que ela não é capaz reter o todo observado remontando a cada lembrança imagens construídas a partir da articulações de fragmentos restantes em nosso acervo. Aristóteles, em seu *tratado da memória e da reminiscência*, assevera que a memória brota da mesma parte da alma da qual brota a imaginação, e que as coisas que são objeto da memória são também aquelas que dependem da imaginação (Aristóteles apud Meneses, 1994). Na ausência dos dados completos de uma memória, nossa mente constrói uma nova memória que seja “compatível” ou aceitável para aquela lembrança. Mais uma vez nossa mente padroniza uma imagem a partir de um estado lógico, ou parafraseando Merleau-Ponty (1999), utilizando-se de juízo, onde julga que determinada construção de memória é aquela que faz mais sentido, assim devendo valer como verdadeira.

Nessa reflexão sobre a memória podemos dizer então, que nossa mente interpreta um determinado elemento observado, colhendo os aspectos padronizáveis e conectáveis com nosso acervo de conhecimentos, que por sua vez utiliza-se de uma memória que também é uma constante padronização, interpretação e “reconstrução” a partir dos fragmentos conti-

¹ “Without memory, we could have no past and no intelligence or ability to learn by experience”.

² “Perhaps the best definition of memory is ‘the modification of behavior by experience’”.

dos nela. Essa renovação dos sentidos na reconstrução enunciada a cada observação, “essa passagem do indeterminado ao determinado, essa retomada, a cada instante, de sua própria história na unidade de um novo sentido, é o próprio pensamento” (Merleau-Ponty, 1999: 59).

Na Etnomusicologia trabalhamos com fenômenos complexos imbuídos de diversas significações nem sempre possíveis de uma interpretação única, positivista, e portanto, verdadeiramente absoluta, o que dificulta ainda mais a percepção da “realidade” existente nos contextos. Esses fenômenos “são complexos não só porque são múltiplos, mas sobretudo porque são ambíguos” (Demo, 2001a: 16). Tornar essa complexidade compreensível através da leitura feita por nossa mente, endossada pelo nosso conhecimento, como já tratamos anteriormente, é uma tarefa de extrema responsabilidade e dificuldade para o pesquisador, mas ainda não é a reta final. Há um novo obstáculo encontrado na grafia dessas percepções.

A observação de uma manifestação cultural com toda a sua riqueza e a sua tradução para um texto escrito é sempre uma tarefa árdua. Podemos observar essa problemática na questão levantada pelo antropólogo Vagner Gonçalves da Silva:

Como transpor a riqueza, a complexidade, as difíceis negociações de significados ocorridas entre antropólogo [pesquisador] e grupo pesquisado, enfim, toda a série de problemas e situações imponderáveis que surgem durante a realização do trabalho de campo, para a forma final, textual, da etnografia, sem perder de vista aspectos relevantes do conhecimento antropológico como o próprio modelo pelo qual este é conduzido? (Silva, 2000: 297).

O questionamento elaborado por Silva revela os percalços na relação entre pesquisador e grupo pesquisado e suscita reflexão quanto ao trabalho do etnomusicólogo. É fato que a transformação das observações em um objeto textual é sempre uma redução interpretativa, não sendo possível conceber uma representação etnográfica que reproduza integralmente a riqueza do que é observado. Porém é necessário que busquemos a maior qualidade possível em nossas interpretações, no intuito de contribuir para o crescimento do conhecimento em etnomusicologia.

A leitura do grupo observado pode estar muitas vezes na incompatibilidade entre os dados encontrados em campo (conceitos) com o *background* do pesquisador. Se podemos dizer que nosso cérebro lê a partir do encontro do nosso acervo de informações com os novos dados observados que possam ser relacionados de alguma forma com esse nosso

acervo, como faremos ao encontrarmos culturas com aspectos, relações, significados etc., muitas vezes distintos dos nossos?

A resposta pode ser o aprofundamento nos conhecimentos do grupo pesquisado. Para tal, os etnomusicólogos podem contar com parcerias importantes para o resultado da pesquisa. Trata-se do sujeito pesquisado, que passa a ser um interlocutor no trabalho. Ao considerar o sujeito pesquisado como colaborador nas interpretações, o trabalho do etnomusicólogo ganha novo aditivo, pois amplia sua rede de informações contribuindo para uma melhor percepção. Temos ainda que uma abordagem contendo uma visão sociocultural, apontando e referenciando os pares colaboradores, é uma representação elucidativa e que não deve perder seu objetivo científico, mas sim diminuir a impessoalidade provocada pela escrita indireta – própria da escrita científica que tenta abster-se da subjetividade –, uma vez que esse procedimento busca trazer para o *corpus* descritivo do texto as vozes que compõem o diálogo proporcionado pelo encontro etnográfico, e evidenciar os interlocutores concretos aos quais o texto se dirige e que o torna legível (Silva, 2003).

Em consonância com Clifford, vemos que “as palavras da escrita etnográfica [...] não podem ser construídas monologicamente, como uma afirmação de autoridades sobre, ou interpretação de uma realidade abstrata, textualizada” (Clifford apud Silva, 2003). Devemos atestar a presença do outro e expandir nossa investigação para um contexto mais amplo que deverá incluir nossa própria posição e nossas práticas (Turino, 1999). É a elaboração da “etnografia do sensível” (Silva, 2003) percebendo e integrando de uma forma holística os diversos elementos do fenômeno pesquisado a partir da contribuição perceptiva da própria manifestação, em conjunto com nossas percepções.

Devemos, claro, considerar as implicações na aproximação entre pesquisador e sujeito, e o galgado distanciamento necessário para pesquisa, mas temos também que é necessário incentivar uma mentalidade na pesquisa etnomusicológica buscando o reconhecimento da cultura pesquisada como integrante imprescindível na constituição de uma ciência da etnomusicologia. Vimos durante muito tempo que as referências ao trabalho de campo nas etnografias musicais, incluindo aí os interlocutores, costumavam ficar restritas às introduções metodológicas ou notas de rodapé, trazendo, em geral, dados quantitativos e “objetivos”, com a finalidade de demonstrar o tempo de convivência e “proximidade” entre o pesquisador e o grupo pesquisado (Clifford apud Silva, 2000). Gerard Béhague, tratando sobre as problemáticas da etnomusicologia latino-americana, reflete sobre o crescimento das pesquisas etnomusicológicas com a conscientização dos pesquisadores da necessidade

de um aprofundamento no conhecimento sobre a cultura pesquisada, porém critica a abordagem essencialmente descritiva:

Sem dúvida, um dos fatores mais inovadores da pesquisa etnomusicológica dos últimos 35 anos foi a conscientização da necessidade do conhecimento e da experiência de primeira mão nas tradições musicais que os pesquisadores procuravam descrever e interpretar. Essa consciência tornou possível um relato melhor e mais representativo das músicas tradicionais, embora a abordagem essencialmente descritiva tenha continuado, [...]. (Béhague, 1999: 53).

É certamente significativo o esforço dos pesquisadores grafando os dados – quantitativos e “objetivos” – citados por Clifford e a escolha de uma abordagem essencialmente descritiva referida por Béhague. É também possível conceber um valor de contribuição dessas formas de abordagem na produção de acervos de pesquisa, porém cada vez mais, torna-se necessário o registro de elementos que possam compor a vida social e comportamental dos interlocutores, trazendo os detalhes significativos para cada estudo, mas em conexão com a função maior da pesquisa que é a de produzir conhecimento e não somente descrever a cultura pesquisada. Como nos lembra Demo, “ciência não se basta com simples descrições (como as coisas são), mas busca suas razões (porque são)” (Demo, 2001b:102).

Considerações finais

Entendemos que a observação, percepção, compreensão e grafia na pesquisa etnomusicológica trafegam por caminhos de múltiplas padronizações da informação e interpretações da realidade, onde uma melhor abordagem na interpretação pode oferecer resultados significativos na elaboração do conhecimento. Acreditamos que uma abordagem que considere o sujeito pesquisado como interlocutor do trabalho é significativa porque propicia uma maior abrangência dos conhecimentos da cultura pesquisada. A valorização da “voz” dos interlocutores amplia nosso conhecimento, contribuindo com nosso acervo de informações e favorecendo uma melhor percepção e interpretação, por consequência dos procedimentos para a apreensão da informação pela padronização e conexão dos elementos percebidos com o nosso acervo de conhecimentos.

Corroboramos com Lühning (2004) acreditando que, embora existam limitações intrínsecas à tradução de um evento e um grau de “intraduzibilidade” nas interpretações, não devemos parar de buscar, pois precisamos de mais “traduzibilidade” e compreensão entre

os diversos mundos musicais e sociais. Assim, é possível perceber a necessidade de se viabilizar uma pesquisa etnomusicológica concebendo a etnomusicologia como a área de conhecimento que estuda as músicas enquanto expressões culturais identitárias diversas e se propõe a dar a visibilidade necessária e buscar compressões múltiplas e recíprocas através de processos de aproximação, troca e diálogo contínuo e constante (Lühning, 2004). Como vimos, a cada contato e percepção dos elementos da cultura pesquisada um novo sentido se constrói para o pesquisador. Assim, renovando os sentidos, é possível acreditar que a etnomusicologia se aproximará cada vez mais da “verdade” que buscamos e que teremos uma etnografia mais consistente e condizente com os valores dos parceiros que pesquisamos.

Referências Bibliográficas

BÉHAGUE, Gerard. A etnomusicologia Latino-Americana: algumas reflexões sobre sua ideologia, história, contribuições e problemática. Anais do 2º Simpósio Latino – Americano de Musicologia. Fundação Cultural de Curitiba, p. 41-69, 1999.

DAMACENO, Benito. Neuropsicologia da memória. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). As faces da memória. Campinas: Centro de Memória –Unicamp, coleção seminários 2, 1994.

DEMO, Pedro. Pesquisa e informação qualitativa. Campinas: Papyrus, 2001a.

_____. Saber Pensar. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001b.

GERARD'S, Ralph W. Memory: A Glimpse into the Past, an Understanding of the Present, and a Key to the Future. Disponível em: <<http://penta.ufrgs.br/edu/telelab/1/memory2.htm>>. Acessado em 30/10/2002.

LÜHNING, Ângela. Etnomusicologia brasileira como etnomusicologia participativa: inquietudes em relação às músicas brasileiras. Universidade Federal da Bahia-UFBA, Seminário de Música Brasileira. Salvador, 2004.

MENESES, Adélia Bezerra de. Memória: matéria de mimese. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). As faces da memória. Campinas: Centro de Memória –Unicamp, coleção seminários 2, 1994.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da Percepção. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Original em francês.

SILVA, Vagner Gonçalves da. A crítica antropológica pós-moderna e a construção textual da etnografia religiosa afro-brasileira. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/da/vagner/posafro1.html>>. Acessado em: 20/11/2003.

_____. Observação participante e escrita etnográfica. In: FONSECA, Maria Nazaré Soares. Brasil afro-brasileiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 285-306.

TURINO, Tomas. Estrutura, Contexto e etnografia musical. Trad. Maria Elizabeth Lucas. Horizontes Antropológicos, Revista do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFRGS, Porto Alegre, Ano 1, n.1, p. 13-28, 1999. Original em inglês.